



O BRASIL NAS BATALHAS DO ATLÂNTICO

Francisco Ruas Santos

CONCEITO DE BATALHA E CARACTERIZAÇÃO

No ponto de vista militar, é sabido que *batalha* é um conjunto de operações militares de força ou de combate, planejadas e coordenadas com vista à obtenção de uma decisão significativa. Modernamente, envolve a maioria ou a totalidade de forças de um *teatro de operações* e, segundo a escala da decisão envolvida, pode ser *estratégica* ou *tática*. Assim, por exemplo, o conjunto de operações relacionadas com o ataque de Nassau à Bahia, em 1638, constitui uma *batalha estratégica* que denominamos de *Salvador*, enquanto, relativamente a esta, as duas batalhas de Guararapes (1648 e 1649) são *batalhas táticas*. Por outras palavras, a decisão da guerra holandesa foi obtida pelos nossos em Salvador, no ano de 1638, cabendo às duas batalhas de Guararapes o papel de acaba-

mento, ainda que distante, da batalha de Salvador.

Um outro exemplo que, além do mérito conceitual, tem o de evidenciar o quanto a *falta de conceitos prejudica a informação*, está na batalha do Passo do Rosário¹. Relativamente ao teatro de operações sulino, foi uma *batalha tática*, por nós perdida, e uma *batalha estratégica indecisa*. Na realidade, a decisão foi obtida num plano muito superior ao militar, ou numa "batalha política", concretizada na convenção de paz de 1828 e na vitória exclusiva do Uruguai que, assim, assegurava sua independência face à Argentina e ao Brasil.

Neste trabalho o termo batalha vai ser muito mais abrangente, pois, além do significado militar, presente sempre, tem o de *esforço continuado*, sob diversos ângulos e através do tempo, para a *conquista e o domínio do Oceano Atlântico*, tanto de sua orla, quanto de suas águas.

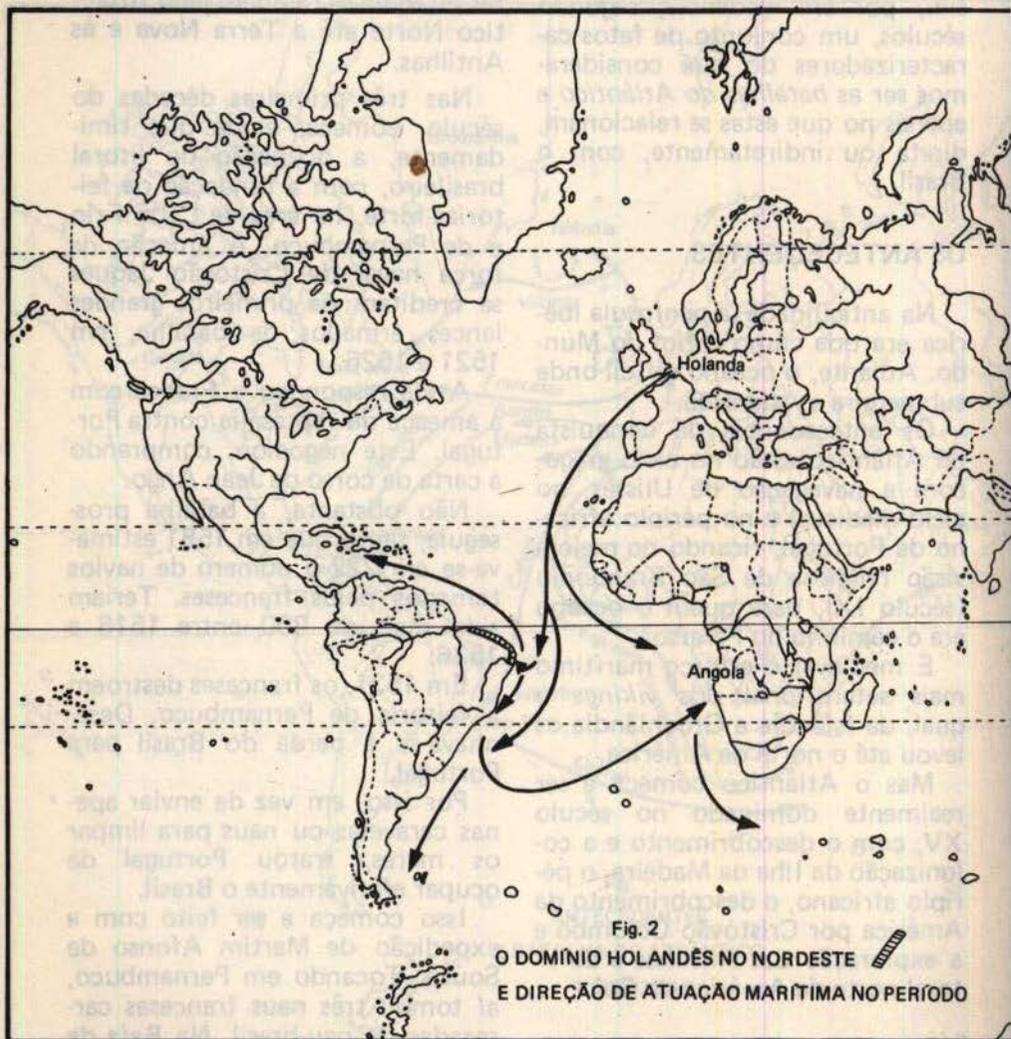


Fig. 2

O DOMÍNIO HOLANDÊS NO NORDESTE
E DIREÇÃO DE ATUAÇÃO MARÍTIMA NO PERÍODO

Atlântico Sul, em seqüência à nau francesa *Pèlerine*, tomada pela esquadra do Estreito (Gibraltar) e carregada de pau-brasil.

Destacando-se da esquadra de Martim Afonso, seu irmão Pero Lopes destrói a feitoria que os franceses haviam feito pouco antes na Ilha de Santo Aleixo, tomou-lhes uma embarcação e uma nau que carregava pau-brasil.

Pero Lopes refez e fortificou a feitoria de Pernambuco em 1532.

Decidida pelo rei D. João III a ocupação e a colonização sistemáticas do Brasil, através de capitânicas hereditárias, ia também tomar nova feição a defesa da orla litorânea brasileira, face às investidas de corsários, traficantes e colonizadores estrangeiros.

Tal decisão era tão mais urgente quando se considera que, em 1541, ante a viagem de Jaques Cartier ao Canadá, o embaixador da Espanha em Portugal pedia a união das esquadras portuguesa e espanhola para impedir que os franceses se estabelecessem na América. Essa união de forças não se fez³.

Nessa ocasião a defesa e a ocupação do Brasil já tinham custado quantia avultada.

Prosseguia o tráfico clandestino do pau-brasil, o qual, nessa batalha, se misturava com a luta dos colonizadores portugueses contra índios hostis.

Seja como for, em 1549, ano da fundação de Salvador e do estabelecimento do primeiro governo geral, subsistiam núcleos de povoa-

ção em São Vicente, Espírito Santo, Ilhéus, Porto Seguro e Pernambuco. Não vingara a tentativa dos portugueses de ocupar nessa primeira metade do século a costa norte, onde franceses também traficavam com índios.

É de 1555 a primeira tentativa dos franceses, com Villegaignon, de se estabelecerem definitivamente no Brasil. Vencidos em 1567, firma-se a ocupação lusitana na Baía da Guanabara.

Todavia, persistiam os franceses no tráfico ao longo do litoral, como em Cabo Frio, contra eles tendo combatido Pero de Góis.

No alto mar, corsários franceses atacavam navios portugueses, como ocorreu em 1565, com a nau *Santo Antônio*⁴ e, em 1570, com a expedição em que vinha o novo governador D. Luís de Vasconcelos e quarenta jesuítas. Estes foram lançados ao mar pelos corsários. O navio do governador foi dar a São Domingos e, quando de novo demandava o Brasil, foi tomado por três naus corsárias.

Em 1580, foi a vez da tomada, por corsários franceses, de uma das caravelas da expedição de Frutuoso Barbosa destinada à colonização da Paraíba.

A partir da união das duas coroas ibéricas na pessoa de Filipe II, aos antigos adversários franceses de Portugal somaram-se os da Espanha, ingleses e holandeses. Acentuou-se o caráter marítimo da defesa do Brasil, quando o prior do Crato, D. Antônio, o vendeu simbolicamente à França para, em troca, obter o trono português.

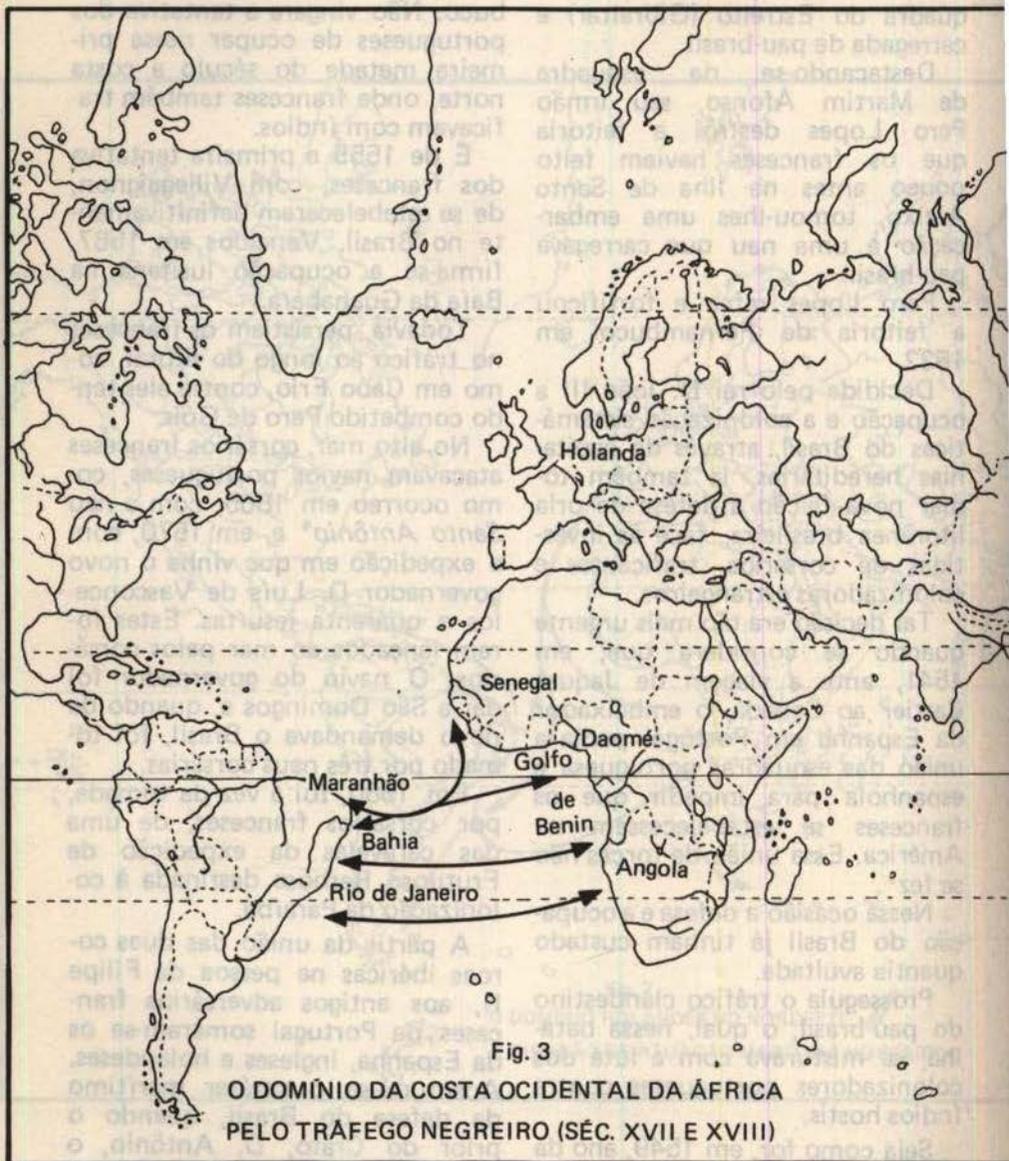


Fig. 3

O DOMÍNIO DA COSTA OCIDENTAL DA ÁFRICA
PELO TRÁFEGO NEGREIRO (SÉC. XVII E XVIII)

Nessa conjuntura, a esquadra de sessenta navios franceses, sob o comando de Filipe Strozzi, foi, no entanto, derrotada em águas dos Açores pela força naval luso-espanhola, de 34 galeões, sob o comando de D. Álvaro de Bazan.

Em terra, os aspectos mais notáveis da batalha quase secular são: a conquista da Paraíba, onde operavam os franceses, ocorrida entre 1581 e 1596 (num de seus lances com o apoio da esquadra espanhola guarda-costa de D. Diego Flores de Valdés); a expulsão em 1583, por uma força naval dessa esquadra, de dois galeões ingleses na área de Santos; o ataque à Bahia, em 1587, dos corsários ingleses Withrington e Lister, frustrado pela defesa; a conquista e ocupação de Sergipe, em 1589-1590; o ataque do corsário Cavendish a Santos e Espírito Santo, em 1591-1592; o ataque dos corsários Lancaster e Venner ao Recife em 1595; o assalto à vila de Ilhéus por piratas em 1597; a conquista do Rio Grande do Norte neste ano (aí já vinham traficando os franceses, cujos navios se supriam na área, tal como antes na Paraíba); a incursão de três naus francesas na Baía da Guanabara, frustrada, como infrutífera foi também a aguada que a esquadra holandesa de Oliver van Noord aí tentou, em 1598.

Assim, a despeito de reveses locais, terminava a batalha do Atlântico no século XVI, com a vitória dos portugueses, que firmaram a ocupação do litoral de São Vicente a Natal.

Mas a defesa desse vastíssimo território continuava a depender, e muito, da atuação de forças navais luso-espanholas no Atlântico.

A BATALHA DO ATLÂNTICO NO SÉCULO XVII

Em 1605, o rei Henrique IV, da França, deu licença para ocupar cem léguas do litoral sul-americano abaixo do Equador a Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière. A área já era conhecida dos franceses e foi, provavelmente na altura da Ilha do Maranhão, que o francês Jacques Riffault perdera dois navios já em 1594.

Em 1612 começa a ganhar corpo a "França Equinocial", com a ocupação do Maranhão pelos franceses, de onde foram expulsos em 1614 pelos luso-brasileiros. Assim, a ocupação por estes da costa leste-oeste, já reconhecida e ocupada até o Ceará, estendeu-se ao Maranhão e, daí, à foz do Rio Pará, onde deram início a Belém, no ano de 1616. No ano anterior, corsários franceses tinham rondado a barra da Bahia, quando o navio guarnecido para enfrentá-los desapareceu num temporal.

Os holandeses que, desde fins do século XVI, já operavam na Amazônia, acabaram também por ser daí expulsos em 1623, devido à atuação de forças locais e vindas de Portugal. Em 1603, já haviam eles atacado (força naval de van Caarden) a Bahia. Onze anos depois, tendo refrescado na área da Ilha Grande (força naval de Joris van Spilbergen), foram rechaçados em terra firme fluminense por

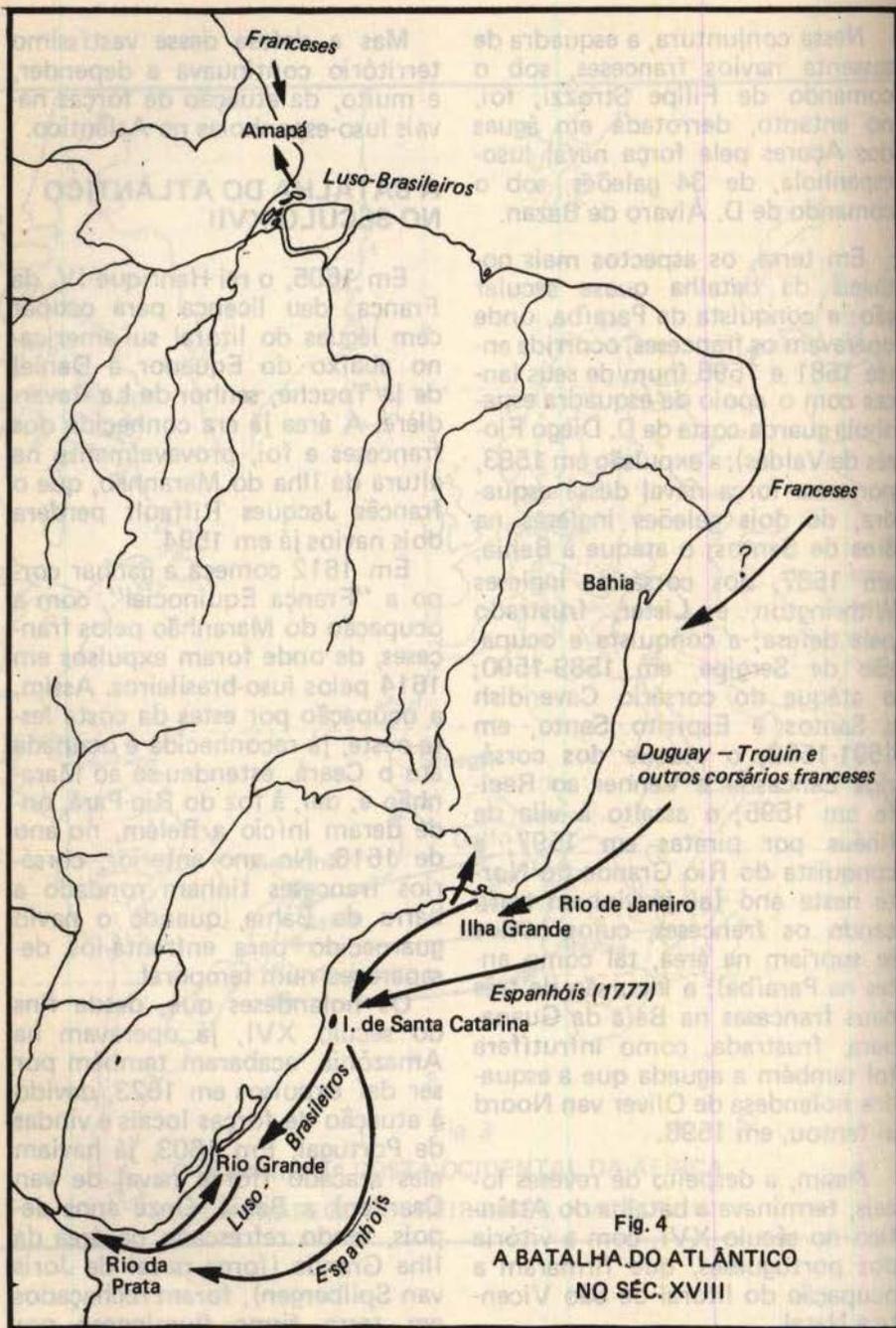


Fig. 4

A BATALHA DO ATLÂNTICO
NO SÉC. XVIII

uma força sob o comando de Martim de Sá; mas incursionaram em Santos no mês de janeiro de 1615.

Tudo isso era o prenúncio dos ataques holandeses de grande envergadura, a realizar pela Companhia das Índias Ocidentais, detentora de privilégio outorgado pelas Províncias Unidas (Países Baixos) para operar militar e comercialmente no Atlântico, América e África. Agiria ela sob a inspiração da guerra contra a Espanha.

Nos começos de 1623, mandou a Companhia uma pequena frota à costa ocidental da África. No ano seguinte, poderosa expedição que organizara atacou a Bahia, ocupando Salvador. Daí foram os holandeses expulsos no ano seguinte, mediante ações terrestres dos luso-brasileiros, reforçados depois por meios trazidos da península ibérica também numa forte expedição.

A Companhia era atraída principalmente pelo açúcar brasileiro e, nos mares, pela guerra de corso.

Força naval holandesa, sob o comando de Pieter Heyn, investiu contra Vitória, sem êxito, quando aí estava uma força de socorro à Bahia, sob o mando de Salvador Correia de Sá e Benevides, vinda do Rio de Janeiro.

A ação de Heyn repetiu-se na Bahia de Todos os Santos, em 1627, aí surpreendendo a frota mercante prestes a partir. Conseguiu a rendição de vinte e cinco navios e permaneceu na Bahia durante um mês. Renovou a ação no mês de junho seguinte, apressando navios e incursionando no Rio Pitanga durante cerca de trinta dias.

Os lucros assim conseguidos e, principalmente, os resultantes do apresamento por Heyn da "frota de prata" espanhola no Caribe, em setembro de 1628, compensaram os prejuízos dos holandeses na campanha de 1624-1625 e lastrearam sua expedição para ocupar o Nordeste em 1630.

Pouco antes haviam os holandeses ocupado a Ilha de Fernando de Noronha, de onde foram expulsos por uma expedição enviada por Matias de Albuquerque.

A guerra holandesa propriamente dita desenvolveu-se de 1630 a 1654, com aspectos terrestres, navais e anfíbios, em especial: estabelecimento da cabeça-de-praia holandesa em Recife-Oldinda; conquista do litoral, para o sul, até o Rio S. Francisco e, para o norte, até o Rio Grande e o Maranhão; expulsão dos holandeses daí, em 1641, e do restante do Nordeste, entre 1645 e 1654.

Nesse contexto, merecem destaque especial: a batalha naval dos abrolhos, em 1632, as incursões holandesas contra a Bahia, especialmente em 1638 para esmagar a base da resistência adversária, e as batalhas navais de 1640 que fizeram frustrar o desembarque em força dos nossos em território ocupado pelos holandeses. Mas em todo esse longo período houve uma série de eventos navais e incursões litorâneas dos holandeses em território baiano e ao sul.

Também deve ser lembrada a expedição de Salvador Correia de Sá para expulsar os holandeses de Angola, bem-sucedida, o que correspondia à preservação da fonte

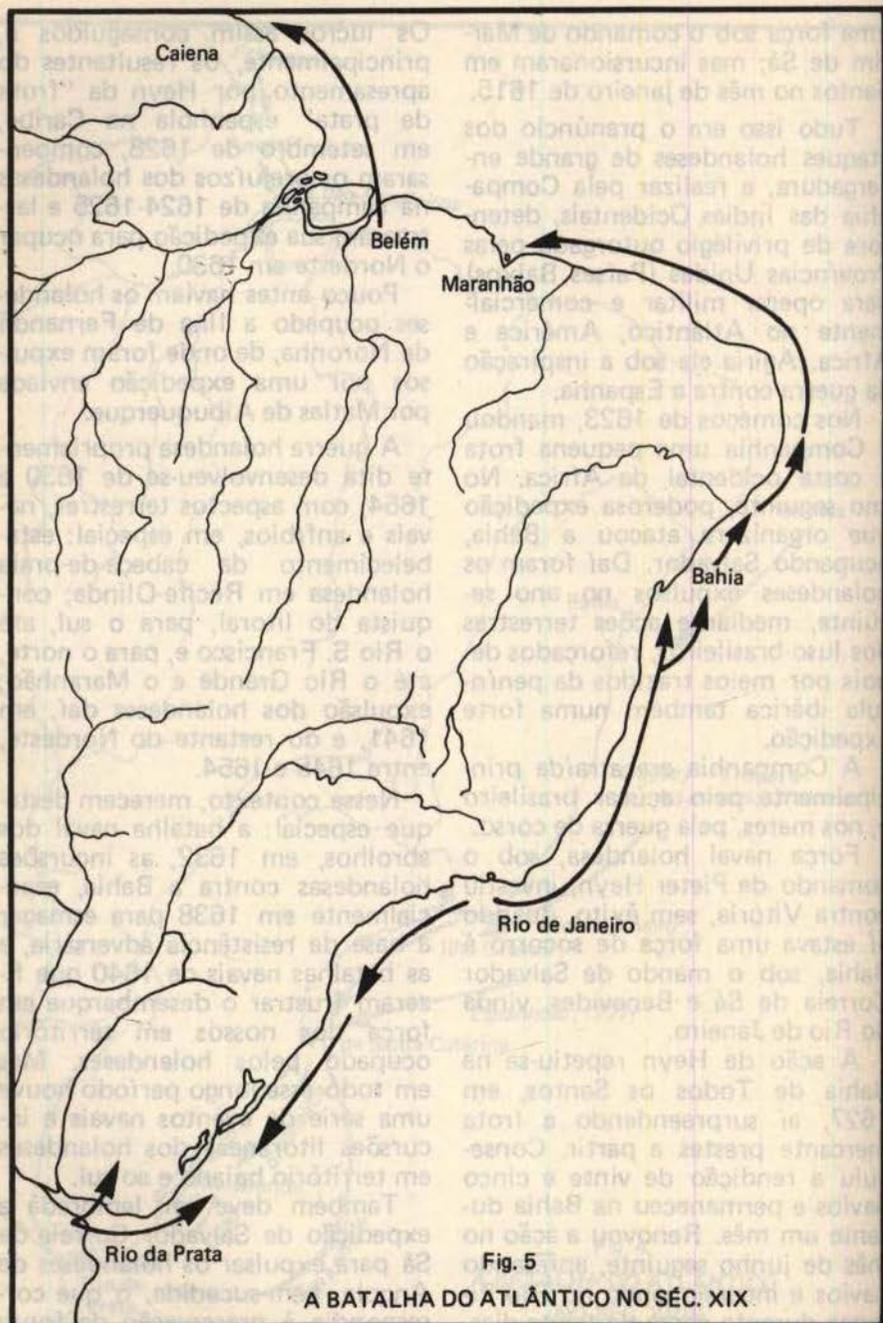


Fig. 5

A BATALHA DO ATLÂNTICO NO SÉC. XIX.

de escravos africanos para a produção agrícola no Brasil.

Assim, a despeito de reveses graves, em terra e no mar, como a perda temporária da Região Nordeste, Portugal venceu a batalha do Atlântico do século XVII.

A BATALHA DO ATLÂNTICO NO SÉCULO XVIII

Nessa batalha as forças nossas adversárias foram da França e da Espanha, enquanto Portugal prevalecia-se da aliança inglesa.

Está a batalha inserida nas guerras européias de que participam Inglaterra, França e Espanha, dentre outros países.

Sua motivação está em especial na busca da ocupação, pela Coroa portuguesa, da margem setentrional do Rio da Prata e na guerra de corso inimiga, com a atração suplementar do ouro do Brasil.

As ações principais são terrestres e navais que se desenvolvem no Prata e ao longo do litoral sul, devendo ser ressaltadas: a fundação de Rio Grande e a ocupação da Ilha de Santa Catarina, de onde prosseguiria a expedição espanhola de D. Pedro de Cevallos para expulsar os nossos do Prata; as incursões francesas de Du Clerc e Duguay-Trouin no Rio de Janeiro, em 1710 e 1711, respectivamente. À primeira destas investidas associa-se a atuação da força francesa na área da Ilha Grande, de resto preferida por piratas e corsários atraídos pelo ouro das Minas Gerais que por aí se escoava.

Ameaça ao Brasil, não muito conhecida, desenhou-se em 1762-

1763, quando a França, prevalecendo-se da guerra na península ibérica, entre Portugal e Espanha, tentou reproduzir, ao mesmo tempo, empresas anteriores de fixação no litoral brasileiro e a ação naval de Duguay-Trouin, tudo agora com perspectivas de êxito mais duradouro.⁵

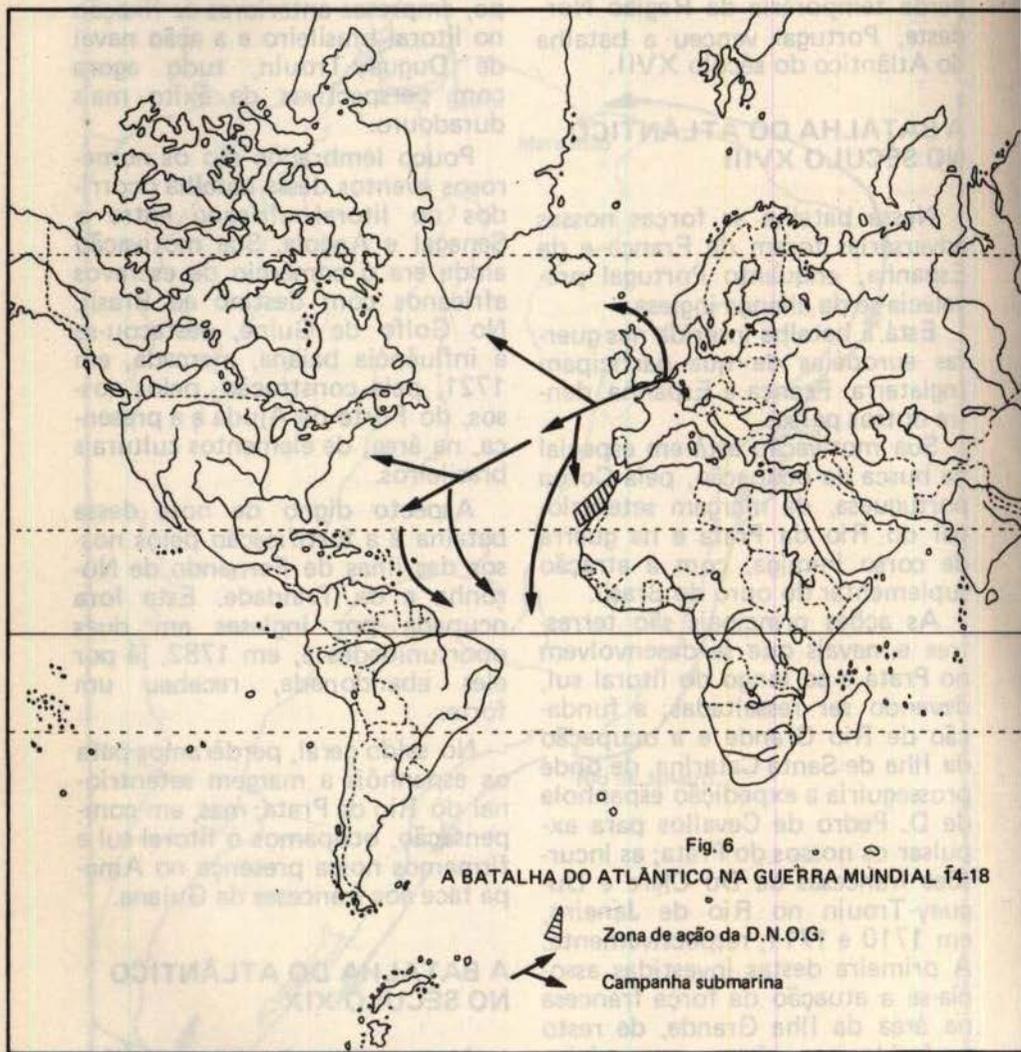
Pouco lembrados são os numerosos eventos dessa batalha ocorridos no litoral africano entre o Senegal e Angola. Sua motivação ainda era o comércio de escravos africanos com destino ao Brasil. No Golfo de Guiné, destacou-se a influência baiana, marcada, em 1721, pela construção, pelos nossos, do Forte de Ajuda e a presença, na área, de elementos culturais brasileiros.

Aspecto digno de nota dessa batalha é a fortificação pelos nossos das ilhas de Fernando de Noronha e da Trindade. Esta fora ocupada por ingleses em duas oportunidades e, em 1782, já por eles abandonada, recebeu um forte.

No saldo geral, perdêramos para os espanhóis a margem setentrional do Rio da Prata; mas, em compensação, ocupamos o litoral sul e firmamos nossa presença no Amapá face aos franceses da Guiana.

A BATALHA DO ATLÂNTICO NO SÉCULO XIX

Assegurado o domínio do Atlântico pelos ingleses, em detrimento da França, foi possível a vinda do governo metropolitano para o Brasil, em 1808. Em seguida, ex-



pedição partida do Pará conquistou Caiena.

Renovaram-se as ações para firmar o nosso domínio no atual Uruguai, conseguido com a derrota das forças artiguistas em 1821.

Declarada a guerra com as Províncias Unidas por causa desse domínio, foi ele perdido para o Brasil e a Argentina, ficando o Uruguai independente em 1828. A guerra naval nessa quadra foi marcada por combates em águas platinas e pelo corso.

Uma outra fase da batalha está configurada pela nossa guerra da Independência, principalmente com as campanhas da Bahia e do Nordeste, em que vencemos as forças lusitanas.

Uma terceira fase é marcada pelas ações navais inglesas contra o tráfico negreiro para o Brasil, em especial ao longo do nosso litoral. A extinção efetiva do tráfico a encerrou.

Outros eventos da batalha são motivados por nossas lutas internas: ações navais e litorâneas contra a revolução pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador, da revolução farroupilha prolongada a Santa Catarina, com o combate naval de Laguna, a revolta da Esquadra, no Rio de Janeiro, no litoral catarinense e em Rio Grande.

Evento muito significativo foi também a ocupação das ilhas da Trindade e Martim Vaz pelos ingleses e sua incorporação imediata ao império britânico. Pela via diplomática, o Brasil demonstrou seu direito às ilhas, chegando a um fim rápido a ocupação inglesa.

Muito grave e também não muito conhecida, é a incursão dos franceses da Guiana no Amapá em 1895.

A batalha do século deixou como saldo favorável nossas vitórias nos seus lances mais importantes: o da Independência e o da manutenção da soberania brasileira na área atlântica.

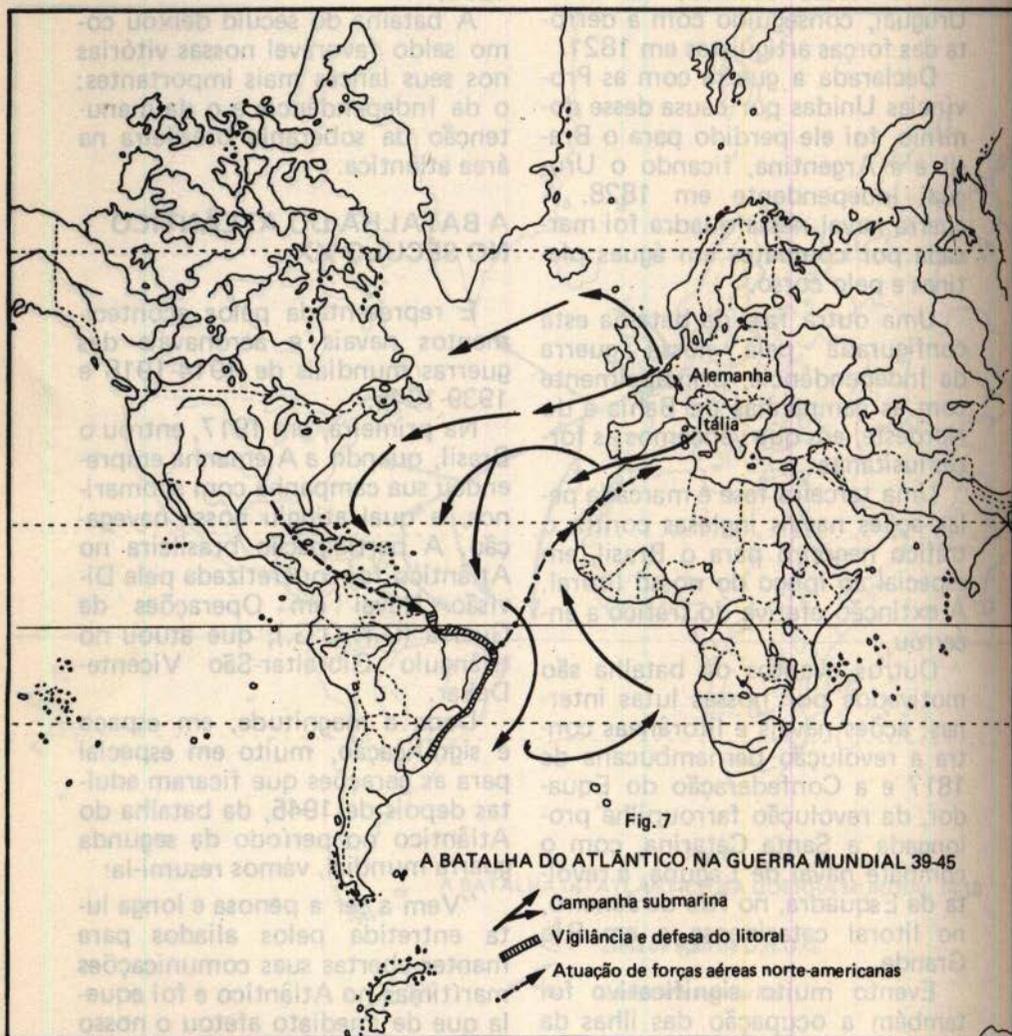
A BATALHA DO ATLÂNTICO NO SÉCULO XX

É representada pelos acontecimentos navais e aeronavais das guerras mundiais de 1914-1918 e 1939-1945.

Na primeira, em 1917, entrou o Brasil, quando a Alemanha empreendeu sua campanha com submarinos, a qual atingiu nossa navegação. A participação brasileira no Atlântico foi concretizada pela Divisão Naval em Operações de Guerra (D.N.O.G.), que atuou no triângulo Gibraltar-São Vicente-Dakar.

Dada a magnitude, em espaço e significação, muito em especial para as gerações que ficaram adultas depois de 1945, da batalha do Atlântico no período da segunda guerra mundial, vamos resumí-la:

“Vem a ser a penosa e longa luta entretida pelos aliados para manter abertas suas comunicações marítimas no Atlântico e foi aquela que de imediato afetou o nosso País (cessão de bases aos americanos, ataques dos submarinos do Eixo à navegação brasileira, defesa do litoral e de comboios marítimos, e racionamento de gasolina, principalmente).



Na sua primeira fase (1940/1941), fora de grande perigo para a Inglaterra. É a fase da resposta inglesa aos submarinos com o *radar* e a atuação destes em "matilhas". O mês de Março de 1941 foi particularmente crítico, quando as belonaves alemãs *Scharnhorst*, *Gneisenau* e *Hipper* vasculhavam o Atlântico Central, afundando substancial tonelagem inglesa. É a fase em que ocorreu a caça e a destruição do *Bismarck*.

Na sua segunda fase (Jul 1941/1942), os ingleses começaram a receber auxílio dos americanos, quer porque estes passaram a cumprir missões de vigilância no Atlântico Norte, quer porque forneceram aos ingleses 50 contratorpedeiros. No segundo semestre de 1942, a campanha foi desastrosa para os aliados. As forças do Eixo atuaram ativamente em águas americanas, chegando a interromper o tráfego petrolífero no Golfo do México. Logo, porém, os aliados reagiram, voltando os submarinos do Eixo à tática das "matilhas". Com o aumento da produção alemã de submarinos, a situação tornou-se novamente sombria para os aliados em fins de 1942, pois sua aviação, devido à falta de bases intermediárias, não podia dominar essas "matilhas". Ao se encerrar o ano de 1942, a navegação aliada tinha perdido mais de 8 milhões de toneladas de deslocamento.

Os desembarques dos aliados na África do Norte adquirem mais um significado importante, pois facultaram-lhes bases aéreas e navais, de onde podiam atuar melhor

contra os submarinos do Eixo. Com efeito, no mês seguinte, suas perdas mercantes caíam de mais da metade.

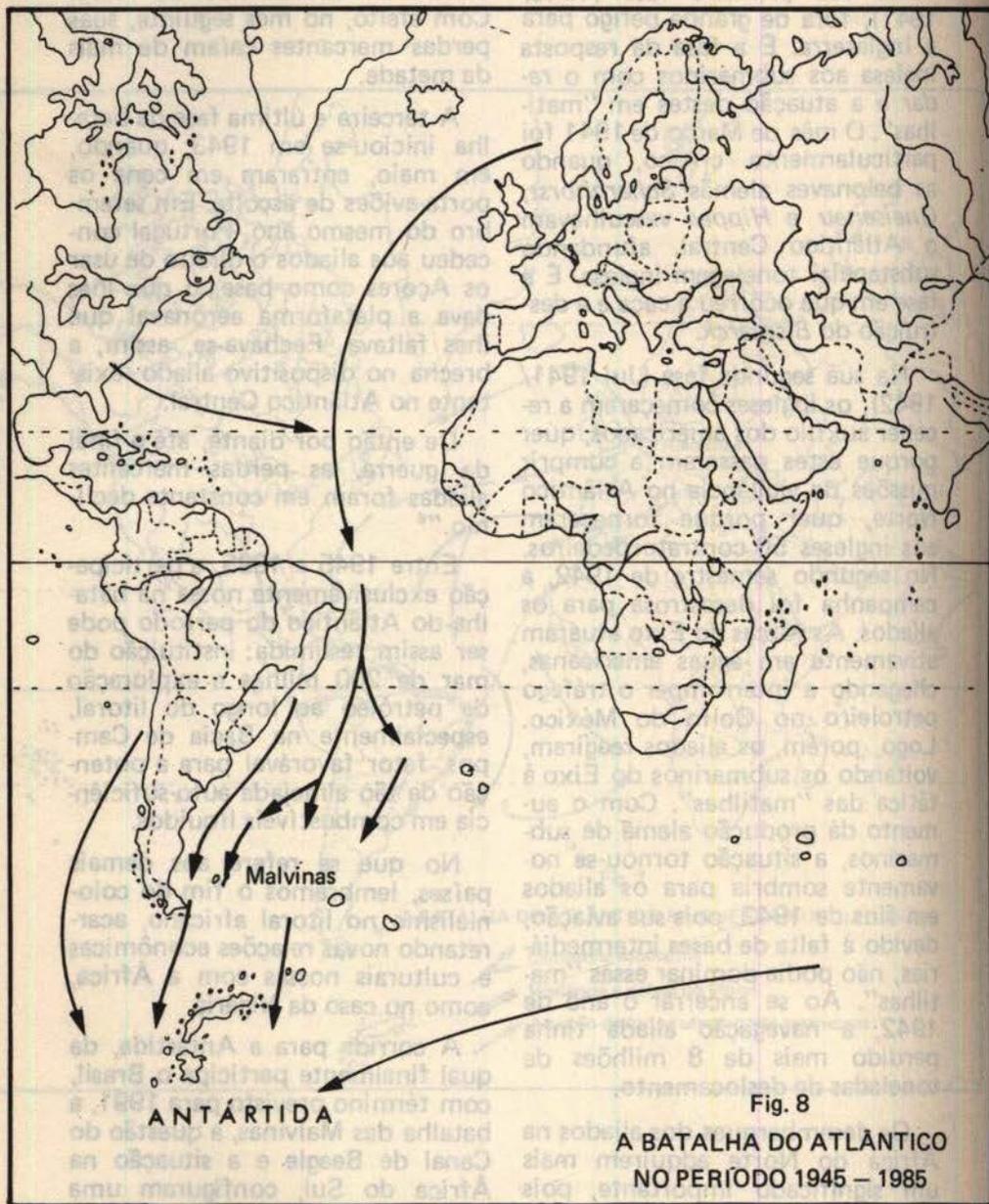
A terceira e última fase da batalha iniciou-se em 1943, quando, em maio, entraram em cena os porta-aviões de escolta. Em setembro do mesmo ano, Portugal concedeu aos aliados o direito de usar os Açores como base, o que lhes dava a plataforma aeronaval que lhes faltava. Fechava-se, assim, a brecha no dispositivo aliado, existente no Atlântico Central.

De então por diante, até o final da guerra, as perdas mercantes aliadas foram em constante declínio."⁶

Entre 1945 e 1985, a participação exclusivamente nossa na batalha do Atlântico do período pode ser assim resumida: instituição do mar de 200 milhas e exploração de petróleo ao longo do litoral, especialmente na Baía de Campos, fator favorável para a obtenção da tão almejada auto-suficiência em combustíveis líquidos.

No que se refere aos demais países, lembremos o fim do colonialismo no litoral africano, acarretando novas relações econômicas e culturais nossas com a África, como no caso da Nigéria.

A corrida para a Antártida, da qual finalmente participa o Brasil, com término previsto para 1991, a batalha das Malvinas, a questão do Canal de Beagle e a situação na África do Sul, configuram uma conjuntura na qual, direta ou indiretamente, está envolvido o Brasil.





Piet Heyn investe contra Salvador em 1627. Gravura holandesa reproduzida no livro "The Dutch in Brazil" de C.R. Boxer, publicado pela Oxford University Press, Inglaterra.

AS LIÇÕES DAS SECULARES BATALHAS DO ATLÂNTICO

Num dos seus clássicos escritos, Rui Barbosa alertava:

"o mar é o grande avisador" e "pô-lo Deus a bramir junto ao nosso sono, para nos pregar que não durmamos".

"Todos os seus espetáculos são lições: não os contemplemos frivolamente".⁷

É preferível, depois desse alerta de 1898, mas sempre válido, deixar que os leitores, civis e militares, tirem suas lições das seculares batalhas do Atlântico.

NOTAS

- 1) Como se sabe, a falta de conceitos e aceitação geral gera divergências e polêmicas freqüentemente estéreis. Foi justamente devido a essa falta que surgiu polêmica entre Max Fleiuss e Tasso Fragoso a propósito da batalha do Passo do Rosário. Este a tinha por perdida para os brasilei-

ros, no que foi contestado pelo primeiro. Mas, tomando-se por paradigma coevo a batalha napoleônica, o Marquês de Barbacena, tendo planejado desalojar o adversário de sua posição no Passo do Rosário e não o conseguindo, *perdeu a batalha*. Não importa que, depois, o inimigo tenha marchado para o sul, sem destruir o exército de campanha de Barbacena. Conceitualmente, a questão relaciona-se com a "indecisão estratégica" no teatro sulino em 1827-1828.

- 2) Cf. Pedro Calmon, *História do Brasil* em sete volumes, edição da J. Olímpio, 1981, p29 e seg.
- 3) Idem, p161.
- 4) Nessa nau viajava um dos mais interessantes heróis do século, Jorge de Albuquerque Coelho, e sua longa e emocionante viagem trágico-marítima, cuja descrição veio até nós, é uma excelente amostra do que era a batalha em alto mar.
- 5) Cf. Pedro Calmon, ob. cit., p1185.
- 6) *2ª Guerra Mundial*, do autor deste trabalho, editado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 1967, p50-51.
- 7) *A Lição das Esquadras*, cf. almirante João Carlos Caminha, *História Marítima*, edição da Biblioteca do Exército, 1980, capa.



O Coronel R/1 Francisco Ruas Santos, da Arma de Infantaria, é possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição *Histórica do Exército Brasileiro* (1972). Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973, fundou e dirige o Centro de Informações Culturais, do Rio de Janeiro. Desde 1974 dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o *Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes (1976-1977)* e *Informação e Indexação*.